

A LOUCURA E A CIDADE: OUTROS MAPAS ¹

Emerson Merhy – médico sanitарista, docente de saúde coletiva

Contra um modo de fabricar cidadãos, uma militância autopoietica
Um mapa nunca é um mapa, é uma cartografia, no nosso caminhar

Boa noite!!! Antes de mais nada, eu queria dizer para vocês, que mais uma vez, como vem acontecendo há muito tempo, nestes últimos anos eu me sinto profundamente em casa, ao poder estar não só em Minas, mas por estar vivenciando esta Minas, que vocês representam, que me ensina muito e me agrada muito. Então, é para mim um imenso prazer e uma honra estar aqui participando deste evento de vocês e poder estar tendo o privilégio de, neste primeiro encontro, trocar algumas idéias sobre os temas instigantes que estão colocados.

Estes tipos de temas apresentados, aqui, têm a vantagem de permitir que o pensamento voe a vontade e, assim, posso explorar ao máximo a minha capacidade de criar significações para o que está sendo proposto. De um outro lado, isto traz um grande risco, um grande perigo, porque abre a possibilidade de só eu entender o que eu “delirei”. Mas, mesmo assim, topo o desafio e o risco. E, ao final, só vocês poderão “parametrar” se fez sentido a minha viagem imaginária.

¹ Os relatos que apresento neste texto estão modificados, mas sem alterar o substancial que descrevem.

Primeiro, procurei trabalhar diante das imagens dos mapas da loucura e dos da cidade. Olhando, um “bucadinho”, para os meus vários lugares de trabalho. Alguns deles sistematicamente vivenciados em conjunto com equipes de trabalhadores de redes substitutivas; como, por exemplo, o trabalho com um grupo de fazedores de CAPS, da cidade de Campinas. Passei a ficar atento aos vários mapeamentos, possíveis, que estavam acontecendo em torno de mim, produzindo cenários cartográficos com mapas da loucura e que ocorriam no meu trajeto, produtor em si de cartografias.

Talvez, por uma visão focal, inicialmente, caí na ingenuidade de imaginar que os mapas da loucura iam se revelar ali onde a loucura estava oficialmente institucionalizada, ali onde ela estava autorizada a se manifestar abertamente. Ora, na medida que comecei a capturar possíveis cenas sobre isso, não tive como evitar e abri passagem para permitir uma invasão de outros vários acontecimentos, profundamente loucos. E me vi obrigado a tentar medir os impactos, os sentidos que eles estavam provocando em mim, procurando compreendê-los “de algum lugar”. Percebi coisas muito interessantes: situações aparentemente mais imediatas e/ou graves, de expressões e atos de alguns indivíduos ou coletivos, catalogados como loucos oficialmente, que se localizam nos espaços institucionalizados para a loucura, quando

comparados aos outros acontecimentos que eu assistia e me afetavam, eram os atos mais sãos dos últimos dias, que eu vivi.

Chamou a minha atenção a manifestação de um morador/cidadão, ex-prisioneiro de um ex-manicômio de Campinas, que atualmente vive em uma das várias moradias criadas no município. Fez um barulho positivo, em mim, a revolta que ele teve, diante daquele caso em Campinas, em que um pai e uma mãe arremessaram/arrebentaram um filho, de um ano de idade, no vidro de um carro, além de tentarem matar a filha de cinco anos batendo a sua cabeça em uma árvore. Aquele morador/cidadão estava profundamente indignado e revoltado com a forma como a mídia se expressou e falou sobre o caso. Estava indignado, porque a mídia não estava sendo justa, ao comparar o ato daqueles pais como um ato de loucos e ponto final. Ele achava que isso estava criando uma grande confusão. Ficou agitado com esta situação e a levou para uma fala em uma roda, com outros moradores/cidadãos e técnicos, da rede substitutiva.

Esta sua manifestação instigou-me a imaginar os vários acontecimentos, que se expressam fora dos lugares “oficiais” e que são olhados como “atos de loucura”, porém, de uma certa maneira, olhados por um ângulo, como o da mídia, que pretende criar imagens e mapas empobrecidos, em significações, destes acontecimentos. Pois, parece

que vários grupos sociais precisam sempre remetê-los de volta a um lugar de representação social, que possa dá-lhes sentido oficial, operando dentro de certos imaginários sociais hegemônicos, que permitem compreendê-los como “loucura de fato”; e assim, pelo menos, o social estará isento de ter algo a ver com aquilo. Ou, melhor, encontrarão com facilidade uma forma de compreender e estabelecer responsabilizações, criando estratégias de punição, que andam de braços dados com saberes oficiais, clínicos-institucionais, sobre o que é ser e agir como louco.

Cristalinamente, para mim, apareceu a idéia de que nada melhor, para denunciar tudo isso, que um louco bem instituído (que tinha o rótulo oficial e inclusive passara parte da sua vida institucionalizado e um lugar oficial para se ser louco) dizer que não achava que aquilo era da mesma natureza da sua loucura e a de seus parceiros. Pensava que aqueles pais não deveriam ser des-responsabilizados criminalmente. Bom debate, que ele colocou.

Isto tudo me remeteu a uma situação vivenciada, quase que fisicamente (mas, ainda bem que não), no metrô do Rio de Janeiro, no qual uma menina de quatorze anos foi assassinada numa troca de tiros. Essa louca cena cruzou-se imediatamente com uma outra, ocorrida na mesma época, após a minha “navegada” pela internet, quando fui atrás

do registro, a partir de Bagdá, daquelas pessoas chamadas de “blogueiros” - fabricantes de blogs, ou seja, escritas sobre o dia a dia ofertadas na internet, como um diário a ser partilhado. Encontrei vários e fiquei lendo o relato deles destes últimos dias, no Iraque. Quantas loucuras relatadas. Mas, conforme interroga o cidadão/morador, do relato anterior: que loucuras são estas? De quem?

Após estas incursões mapeadas, voltei-me para outro movimento cartográfico, para outros mapeamentos. Procurei mirar e vivenciar os permanentes encontros nas ruas da minha cidade, Campinas; mas, que ocorrem sistematicamente também em outras cidades brasileiras e, talvez, de modo até mais crítico, como no caso do Rio de Janeiro. Estou falando do encontro entre aqueles que se consideram participantes de agrupamentos sociais incluídos, com os considerados (curiosamente por estes incluídos) excluídos da cidade; encontro que se repete na nossa vida cotidiana, nas calçadas, que se sente nos nossos desvios diante de um outro que vem, que é imaginado como desigual e agressor, blá, blá, blá ... Estes vários tipos de mapas, falam muito, dizem muitas coisas, pedem leituras e eu estava tentando lê-los. Mas, para isso me desloquei. Voei no tempo e espaço, pois isso, talvez, seja um bom jeito de aumentar minhas possibilidades de olhá-los.

Voei com uma idéia: a de pensar qual a perspectiva de futuro que a gente tem, se pudéssemos imaginar vinte anos adiante. Se pudéssemos exercitar o quanto o nosso imaginário social de hoje possibilita um amanhã largo, abrangente, enriquecido de vidas. Ou seja, é possível imaginar o que será Congonhas do Campo, em 2020? Ou, o que será Belo Horizonte, em 2020? Ou mesmo, o que será Campinas? Dá para pensar o que será, no plano social e individual, a saúde nisso? Diante desse desafio imaginário, cruzei “dois canais”: os vários mapas em que via loucas cenas de loucuras e imagens de possíveis e desejados futuros. E, aí, veio um conceito na minha cabeça.

Fiquei pensando que era possível me aproximar dessas cenas de futuro, a partir de uma figura; busquei nelas o que chamo de “portadores de futuro”. Se há possibilidade de imaginar o movimento do presente e, quem sabe, uma perspectiva de futuro, uma das formas de se aproximar, disso, é imaginar que nestas cenas inscrevem-se “portadores de futuro”. E a inscrição destes “portadores de futuro”, permite-me (nos) olhar (mos) para elas com um desafio. Com um desafio que põe o presente perante as minhas sensações e, ao mesmo tempo, se apresenta como chaves de significações de algo a ser lido, de algo a ser compreendido, que possa me remeter a ver, ali, inscrições de futuro. Inscrições virtuais, intensamente concretas, pois estavam em acontecimentos.

E, então, me veio um fato desagradável, perto de uma sensação depressiva, pois ao olhar por este ângulo, aqueles mapas das loucas loucuras, indistintamente, indicavam para mim que as possíveis aproximações do que poderia ser o desenho do futuro, não me encantavam. Não conseguia me agarrar a idéia de futuro como uma imagem “poliana”, tão próxima do senso comum que a gente faz desta palavra, como algo de bom para acontecer. Consegui, assim, me voltar para a noção de que o futuro estava, ali, em acontecimento, em ato. Ali, no território habitado pelos “portadores de futuro”, que eram os mesmos que desenhavam a cena. Então, um otimismo me arrebatou. A possibilidade de pensar isso, de que os mesmos que desenhavam a cena, com suas ações, podem desdobrá-la, podem, no presente de hoje, encontrar novos sentidos para si e os outros, fez minha angústia conviver com alegrias. Paradoxei !!! E, ainda não sabia bem como, mas me parecia que é isto que estava desenhado nestes territórios que a gente habita, os paradoxos de sentidos e significações; pois, neles não sabemos, de fato, quem é o excluído e quem é o incluído; quem é o louco e quem é o cheio de loucuras, o que cria uma grande dificuldade para olhar as cenas, mas as mantêm em aberto.

Aqueles que, discursiva e imaginariamente, são reconhecidos como incluídos, na realidade, sob um certo olhar, são os excluídos; e, aqueles

que reconhecidamente são considerados como os excluídos, em várias cenas são os incluídos. Estas categorias não conseguiam mais resolver a questão, elas não conseguiam mais dar conta do que eu estava mapeando e vendo.

Na realidade, eu estava diante de um processo de busca do entendimento desta lógica e aprendi que esta lógica, da exclusão/inclusão, é uma lógica perversa. É uma lógica que se no presente se concretiza, leva-nos a um futuro, absolutamente, trágico para todos. Assim, o futuro é aqui e agora; neste sentido, em ato.

Esse processo de territorialização, na hora que eu fui me debruçando sobre ele, pensando sobre os “portadores de futuro”, de fato, me criaram uma dificuldade tremenda, até o momento em que uma cena, muito interessante, surgiu. E, como um afogado me agarrei a ela; pois, até então, estava me sentindo engolido por situações de “desprodução da vida”, processos de anti-produção das relações entre os indivíduos, almas-coisas que pareciam habitar de forma absoluta o conjunto das cenas. E, aí, uma outra cena, dentro desta cena, me emocionou, me colocou quase que diante de uma perspectiva feliz. E procurei pensar sobre um outro futuro que também está escrito, hoje, no presente, como uma perspectiva de caminhada distinta da anti-produção.

Esta cena aconteceu em uma manifestação festiva de rua. No meio de uma festa, na qual estavam presentes vários usuários de redes substitutivas ao manicômio, um deles fez um ato que chama a atenção de qualquer um: agarrou, no meio do festejo, uma menina de dez anos, que estava na festa, e deu-lhe um beijo na boca. A mãe da menina, que estava do lado, olhou para ele e falou: “Você não pode fazer isso”, em tom ríspido e chamou um trabalhador da rede substitutiva, que fazia parte das relações de vínculo daquele cidadão/usuário. Este trabalhador dirigiu-se para ele, reatando certos processos relacionais, conseguindo dialogar com ele, sobre o acontecido. A festa prosseguiu. E, ele não beijou mais a boca de nenhuma criança, durante todo o percurso.

Senti que esta situação gerou, no agrupamento que ali estava, um comportamento de duplo sentido: uns, entendiam que isto era uma violação da ordem, tão significativa quanto a daqueles pais que jogaram a criança no carro, o que pedia por si uma ação punitiva mais explícita, uma interdição de corpos; outros, que assimilavam e propunham um outro tipo de intervenção.

Sob o ângulo da discussão dos chamados “portadores de futuro”, algo me instigou profundamente neste pequeno acontecimento e que trago agora nesta fala. Fico pensando, que havia, ali, coisas acontecendo que me faziam atravessar meus próprios olhares sobre as cenas

enxergadas, anteriormente: em todas aquelas cenas de loucos e loucuras, que descrevi - nas quais via como uma dificuldade tremenda a inscrição de processos que poderiam me arrancar destes lugares, ou mesmo a existência de movimentos de futuros diferenciados -, percebi a existência de realidades conviventes, interessantes de serem observadas. E, se fossem observadas, talvez permitissem olhar esses encontros/acontecimentos de um lugar diferente de onde, no início, mirava-os. Criei, para mim, desta maneira, uma terceira imagem: pensei nestas cenas, sob a perspectiva de uma micropolítica de encontros.

De posse desta idéia, da micropolítica de encontros, tentei olhar, de novo, para todas as cenas. Não mais sob a ótica de que o presente era duro e que o futuro seria muito mais duro. Procurei olhá-las como “lugares”, onde encontram-se ou relacionam-se territórios e sujeitos, em acontecimentos e aconteceres. E, aí, todas essas cenas começaram a expressar outras possibilidades: ali, existiam sujeitos, territorializados e em desterritorializações, encontrando-se nas suas dificuldades, nas suas comensalidades, nas suas possibilidades, nas suas lutas; o que me permitia olhar os encontros, de territórios e sujeitos em movimento, e tentar criar novas categorias para mirá-los e para pensar o que acontecia, ou poderia acontecer, nesta micropolítica dos encontros.

A primeira noção, que adotei, era que, ali, aconteciam várias coisas ao mesmo tempo e que não, necessariamente, se excluía. A segunda, era que isso permitiria ter uma outra chave para ver “portadores de futuro”, tanto quanto a redenção ou à mudança radical do encontro. A terceira, era de que, na micropolítica dos encontros, que ocorriam nas cenas, havia várias relações de interdições e fugas. Nesta micropolítica dos encontros territorializam-se, dentro das loucuras que ela contém, relações onde territórios e sujeitos interdita outros territórios e sujeitos. Os encontros explodem como uma revelação de que agrupamentos de sujeitos colocam-se diante de outros agrupamentos, com a vontade e a ação de interditar o outro, inclusive no seu pensamento. Parece que o outro, como estrangeiro, é, para ele, um grande incômodo, não suportando a possibilidade deste existir nem como imaginador. Movimento que se dá em todos os lados, de um a outro, sem parar.

Estas cenas continham estes pontos, só que continham também outros processos de encontros, outras situações ocorrendo no mesmo tempo do processo de interdição, como outras formas, destes mesmos agrupamentos sujeitos processarem suas micropolíticas, e que chamei, para minha nova leitura, de encontros autopoieticos. Como um acontecer no outro acontecimento-interdição.

O que é encontro autopoietico? O encontro autopoietico é onde ocorre, micropoliticamente, encontro de duas vidas, de três vidas, de quatro vidas, de n vidas, em mútuas produções. Esta palavra, autopoietico, pego emprestado da biologia, que a utiliza para falar do movimento de uma ameba, porque expressa e significa uma imagem de que o caminhar de um vivo/vida se produz em vida, para manter-se como ameba. Assim, tem a força de representar o movimento da vida que produz vida. A autopoiese, portanto, é isso, um movimento da vida produzindo vida, permitindo-me ressignificar as cenas, que passaram a ter novos sentidos, para mim: o mesmo lugar, ocupado pela interdição, é também espaço de encontro autopoietico. Havia uma micropolítica inscrita dentro da outra; e, é isso que permitia a sensação, por exemplo, de em uma cena que transmite a angústia da morte, que pode inclusive tomar conta dela, de repente, ser carregada, preenchida pela possibilidade da produção da vida, no encontro destes viveres.

E, de volta ao diário/blog do rapaz, de mais ou menos vinte anos, relatando como estava sendo, para ele, o dia-a-dia da guerra em Bagdá, pude entendê-lo melhor. Antes só via no seu relato a descrição de Bagdá como um lugar onde só havia interdição, onde só tinha interdições de bombas, de agressões, só se produzia mortes, e que a expectativa de quem ali estava era a de esperar o momento do seu fim.

No diário/blog, daquele rapaz, pude perceber uma situação muito instigante, tão instigante quanto os movimentos paradoxais que habitam as outras cenas, relatadas anteriormente: de que no seu texto ele não fala em morte, relata como vai se produzindo o viver e a vida, naquele momento, que está vivendo em Bagdá. Como é que ele vai mudando as suas expectativas e o seu jeito de caminhar, no cotidiano da cidade, considerando que a sua aposta é a de estar vivo, no dia seguinte.

Agora posso ler que todos aqueles encontros, que relatei, são de fato encontros absolutamente paradoxais. Eles mostram, nas relações altamente agressivas de hoje, como se constitui a interdição da loucura, quando o outro se apresenta, para mim, sempre como território do estranho, como território do agressor violento, como território da invasão; e, ao mesmo tempo, neste mesmo acontecer há, em processo, encontros de vidas e suas produções.

A partir deste momento, que a gente pode desvendar isto para nós, também podemos desejar, que em cada estágio desses encontros, nos quais existe vidas em produção, temos a chance de intervir, como trabalhadores militantes autopoieticos. Ou seja, colocar a nossa capacidade de explorar vivamente, nestes espaços, a potência que a vida tem de produzir vida e novos sentidos para ela, nós podemos

entrar nestas cenas, nós podemos nos incluir nestas cenas e não morrer delas.

Esta é a grande questão que para mim se tornou profundamente relevante, agora, e que traz, para quem opera redes substitutivas, um grande desafio. Se os trabalhadores das redes não se assumirem efetivamente como militantes destes processos sociais, se não se colocarem definitivamente como portadores de futuro, não será possível operar estes processos tão difíceis.

Creio que este tipo de instigamento é automático: não consegui pensar dentro deste processo, a que fui me apegando, sem a forte imagem de que os trabalhadores destas redes, que somos nós, que são vocês; e os usuários destas redes, que somos nós, que são vocês, devem e têm que refletir, o tempo inteiro, sobre a micropolítica dos seus encontros, e se perguntarem: como ocupamos estas cenas, como as produzimos, como interdiores ou como produtores da vida? Esta direção é fundamental e é esta impressão que eu queria passar, para vocês; mas, apesar de tudo, ainda um pouco angustiado com os vários mapas que vi na minha frente, e profundamente enfurecido com a guerra do Iraque. Obrigado a todos.

